

DUARTE COELHO

a El Rei

posto o mestre anode 1546 tinha usto p tres lras
ja o d. d. amo de cada das oupas de qua das de
de lras oupas o mepayro ou o ruyro. e qda
de qda das oupas do mar quib se p ista d. n. a
de qda amona co da pa. d. d. p. o. e. p. o. m. o. r. y.

quanto se p ista nova lras d. n. a posto o d. d. n.
trabalho de aoz de f. d. n. a. t. a. n. d. a. q. u. a. d. a.
e o q. d. o. u. e. a. o. u. p. a. r. e. p. r. i. m. e. r. o. p. y. a. t. o.
de o lras de m. a. b. f. a. t. o. e. c. o. n. t. e. n. t. e. d. e. e. r. t. a. b. e. r. o.
p. r. a. p. r. o. n. a. e. q. u. e. d. a. n. n. e. d. e. c. o. m. o. m. e. n. t. e. d. e. o.
p. a. o. u. o. q. u. e. d. e. d. e. d. e. s. u. a. a. e. l. a. z. o. e. r. e. o. m. q. u. a. s. e.
p. o. o. t. e. m. e. n. t. e. t. r. a. b. a. l. h. o. t. a. m. t. o. p. q. u. e. q. u. a. d. a. o. u.
p. o. o. u. e. m. a. b. a. o. e. m. n. a. o. p. o. o. s. o. i. a. c. u. d. a. r. e. m.
p. o. o. u. e. m. a. b. a. o. e. m. n. a. o. p. o. o. s. o. i. a. c. u. d. a. r. e. m.
e. o. l. l. s. t. r. q. u. e. p. r. o. p. u. s. a.

Ja d. n. a. o. d. e. e. r. f. i. z. o. i. b. e. p. o. n. t. e. s. o. p. a. d. o.
de d. n. a. o. p. r. o. p. u. s. a. s. o. u. e. n. t. e. o. m. a. b. d. e. m. e. f. e. r. a. a. q. u. e.
e. a. n. n. e. d. e. d. e. p. a. s. d. e. d. e. e. r. f. a. z. e. r. b. r. a. z. e. m. a. b. y. n.
e. l. e. g. a. s. d. e. s. p. o. n. e. a. c. o. r. e. e. r. o. u. n. o. b. o. q. u. e. p. o. b. o. a.
e. o. p. r. i. v. a. e. m. e. t. a. n. o. v. a. l. r. a. s. d. e. n. y. a. q. u. e. o. p. r. o. p. u. s. a.
e. r. e. n. d. e. m. u. i. s. l. o. m. p. r. o. p. o. l. o. o. r. d. e. a. o. a. d. m. e. n. t. e.
p. r. i. m. e. r. o. t. r. a. b. a. l. h. o. e. p. r. i. m. e. r. o. p. r. e. l. i. g. i. o. s. o. d. e. a. b. y. n.
m. u. i. s. c. u. s. t. o. s. e. r. e. m. e. n. t. e. s. f. a. z. e. r. n. o. d. e. m. a. b. o. d. e. n. t. e.
p. o. e. l. o. q. u. a. l. e. a. q. u. e. o. m. l. a. d. i. n. h. o. m. a. d. d. u. d. o. o. d. e. s. o. u. e.



JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELLO
CLEONIR XAVIER DE ALBUQUERQUE

SÉRIE DESCOBRIMENTOS, 7

1ª edição: Recife: Imprensa Universitária 1967, sob o título: *Cartas de Duarte Coelho a El Rei* - Reprodução fac-similar, leitura paleográfica e versão moderna anotada.

Não encontrando este livro nas livrarias, favor dirigir-se à Editora Massangana, Rua Dois Irmãos, 15, Apipucos - Recife - Pernambuco - Brasil - cep 52071-440 Tel.: (081) 441.5900, ramais: 240, 241 e 242 - Telefax (081) 441.5448.
Via internet:
<http://www.fundaj.gov.br>
e-mail: ema@fundaj.gov.br

Foi feito o depósito legal

Mello, José Antônio Gonsalves de, 1916 -

Cartas de Duarte Coelho a El Rei; reprodução fac-similar, leitura paleográfica e versão moderna anotada/ José Antônio Gonsalves de Mello e Cleonir Xavier de Albuquerque; prefácio de Leonardo Dantas Silva. - 2. ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1997.

138 p. il. (Descobrimientos, n. 7)

Inclui bibliografia.

ISBN 85-7019-293-2

I. PERNAMBUCO - HISTÓRIA. I. Albuquerque, Cleonir Xavier de. II. Título.
III. Série.

CDU 981.34

JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELLO
CLEONIR XAVIER DE ALBUQUERQUE

CARTAS DE
DUARTE COELHO
a El Rei

Reprodução fac-similar, leitura paleográfica
e versão moderna anotada

2ª EDIÇÃO

PREFÁCIO
LEONARDO DANTAS SILVA

Recife
Fundação Joaquim Nabuco
Editora Massangana - 1997

Senhor



Pelo capitão dos navios que daqui mandei o mês de setembro passado, dei conta a Vossa Alteza de minha viagem e chegada a esta Nova Lusitânia e do que aqui era passado.⁽¹⁾ Depois meti-me, Senhor, a dar ordem ao sossego e paz da terra, com dádivas a uns e apaziguando a outros porque tudo é necessário. E assim dei ordem a se fazerem engenhos de açúcares que de lá trouxe contratados, fazendo tudo quanto me requereram e dando tudo o que me pediram, sem olhar a proveito nem interesse algum meu, mas a obra ir avante, como desejo. Temos grande soma de canas plantadas, todo o povo, com todo trabalho que foi possível, e dando a todos a ajuda que a mim foi possível, e cedo acabaremos um engenho muito grande e perfeito, e ando ordenando a começar outros.⁽²⁾ Praza ao Senhor Deus que me ajude segundo Sua grande misericórdia e minha boa intenção.

Quanto, Senhor, às cousas do ouro, nunca deixo de inquirir e procurar sobre elas, e cada dia se esquentam mais as novas; mas, como sejam longe daqui pelo meu sertão a dentro, e se há-de passar por três nações de muito perversa e bestial gente e todas contrárias umas das outras, há-de realizar-se esta jornada com muito perigo e trabalho, para a qual me parece, e assim a toda minha gente, que se não pode fazer senão indo eu; e ir como se deve ir e empreender tal empresa, para sair com ela avante, e não para ir fazer aventuras, como os do rio da Prata, onde se perderam mais de mil homens castelhanos, ou como os do Maranhão, que perderam setecentos, e o pior é ficar a cousa prejudicada.⁽³⁾ E por isso, Senhor, espero a hora do Senhor Deus, na qual praça a Ele que me confie esta empresa, para Seu santo serviço e de Vossa Alteza, que este será o maior contentamento e ganho que eu disso queria ter.⁽⁴⁾

Isto, Senhor, tenho assentado e mandado aí buscar cousas necessárias para a jornada e alguns bons homens, porque é necessário deixar aqui tudo provido e a bom recado, por todas as vias, em especial por os franceses, os quais se sentirem não estar eu na terra, começarão a fazer das suas velhacarias, pois há quatorze dias aqui quiseram fazer o que costumavam, mas não puderam. Mando a Vossa Alteza a notícia disso para que a veja, se for necessário.⁽⁵⁾

Em tudo, Senhor, eu tenho o cuidado que se deve ter nas cousas de seu serviço e Deus me ajude e me dê a Sua hora para tudo ir a bom fim. Pero de Góis e Luís de Góis, que ora por aqui passam, darão a Vossa Alteza as mais novas de mim e da terra e não me alargo mais nesta e deles pode Vossa Alteza saber das cousas daqui.⁽⁶⁾ E porque para as cousas de tanta importância há necessidade de muito grandes gastos e eu estou muito gastado e endividado, e não posso suportar tanta gente de soldo como até aqui suportei, há já três anos que pedi a Vossa Alteza me fizesse mercê de me dar licença e maneira de haver alguns escravos de Guiné por resgate, e o ano passado respondeu-se-me que até se acabar o contrato que era feito nada se podia fazer, dando-se-me a entender que, acabado, seria provido, pelo que já escrevi a Vossa Alteza sobre isso.⁽⁷⁾ Não sei se me fez esta mercê, porque os navios não são ainda chegados. Peço a Vossa Alteza que, se me não concedeu esta licença, olhe quanto isto é do seu serviço, e quão pouco dano e estorvo faz dar-me licença para obter alguns escravos para o servir melhor. A Dom Pedro de Moura e a Manuel de Albuquerque mande Vossa Alteza dar a provisão para isto.⁽⁸⁾

Desta Vila de Olinda, a 27 de abril de 1542

Servo de Vossa Alteza

DUARTE COELHO

Senhor



Posto que neste ano de 1546 tenha escrito por três vezes a Vossa Alteza, dando-lhe conta das cousas daqui, e de algumas que me pareceram de seu serviço, pela incerteza das cousas do mar, quis, Senhor, por esta tornar a dar a mesma conta, para Vossa Alteza prover o que for seu serviço.⁽⁹⁾

Quanto, Senhor, a esta Nova Lusitânia, posto que com muito trabalho e com assaz de fadiga, tanta quanta o Senhor Deus sabe, a cousa está bem principiada, a Deus louvores, mas há muitos inconvenientes e estorvos para ir a cousa em crescimento e aumento, como eu, Senhor, desejo, para serviço de Deus e de Sua Alteza. E os que eu aqui, Senhor, posso remediar, trabalho tanto por isso quanto, Senhor, é possível, mas ao que eu não posso, Senhor, acudir, é necessário Vossa Alteza remediar e com brevidade prover sobre isso, se quer ser servido.

Já tenho escrito a Vossa Alteza e lhe fiz saber por outras que lhe tenho escrito, que uma das cousas que mais prejudica ao bem e aumento destas terras é fazer-se pau-brasil mesmo a vinte léguas das povoações que se começam a formar, em especial nesta Nova Lusitânia, porque o brasil, Senhor, está muito longe pelo sertão a dentro e é muito trabalhoso e perigoso de obter, e muito custoso, e os índios fazem-no de má vontade.⁽¹⁰⁾ Esse que eu lá tenho mandado, estes anos passados, para Vossa Alteza, e assim um pouco que até o presente fiz para mim, pela licença de que Vossa Alteza me fez mercê,⁽¹¹⁾ faz-se todo por sua ordem e muito devagar, conforme a condição dos índios, em dez, doze meses e em ano e meio a carga de um navio, e embora me saia mais custoso, é necessário, Senhor, sofrê-lo pelo que

importa ao bem da terra. Mas a esses a quem Vossa Alteza aí faz mercê de brasil, como lhes custa pouco, nem estão com os trabalhos e fadigas e nos perigos e derramamentos de sangue em que eu, Senhor, estou e ando, não lhes dá nada, Senhor, de cousa alguma do que a mim dá, e o que eu sinto não o sentem eles, nem a perda que Vossa Alteza terá. Porque, por fazerem seu brasil, importunam tanto os índios e prometem-lhes tanta cousa fora da ordem, que metem a terra em desordem da ordem em que eu a tenho posto; e se lhes dão alguma cousa do que lhes prometem, deitam a perder o concerto e ordem que eu tinha posto para o que convém ao trato deste brasil, quando Vossa Alteza se quiser servir dele. Porque não basta, Senhor, dar-lhes as ferramentas, como está em costume, mas, por induzirem os índios a fazer brasil, dão-lhes contas da Bahia e carapuças de pena e roupas de cores que homem aqui não pode alcançar para seu vestir, e, o que é pior, espadas e espingardas, em especial uns poucos homens que, com favor e abrigo meu, de três anos para cá estão na terra de Pero Lopes, pegada comigo, os quais, com disfarce de estabelecer fazendas como habitantes na terra, são exploradores de brasil, que nunca deixam de o fazer e carregar, porque de três anos para cá têm levado mais de seis ou sete navios carregados dele.⁽¹²⁾ Eu já tenho requerido e feito sobre isso o que me pareceu bem e serviço de Sua Alteza, e aqui em minhas terras, Senhor, provido sobre isso e apregoado conforme a lei que Vossa Alteza pôs em minhas doações e procuro impedir isso quanto posso.⁽¹³⁾ Porque afirmo a Vossa Alteza que de três anos para cá se perverteu este fazer de brasil, que põe em muita confusão a terra, e a mim dá grande trabalho e fadiga em acudir a tantos desconcertos e remediar desacertos. Até nos estorva este fazer de brasil o fazermos nossas fazendas, em especial os engenhos, porque quando estavam os índios famintos e desejosos de ferramentas, pelo que lhes dávamos nos vinham a fazer as levadas e todas as outras obras grossas e nos vinham a vender mantimentos de que temos assaz necessidade, e, como estão fartos de ferramentas, fazem-se piores do que são e alvoroçam-se e ensoberbecem-se e revoltam-se.

As fazendas, em especial os engenhos, estão espalhados e não juntos, e os que vêm a fazer estes engenhos não vêm como homens poderosos para resistir, mas para fazerem seus proveitos e para eu os haver de amparar e defender como cada dia faço.⁽¹⁴⁾ Mas, quem, Senhor, terá tanto dinheiro para pólvora e pelouros, artilharia e armas e as outras cousas necessárias? Digo, Senhor, que é muito necessário remediar Vossa Alteza e prover sobre isso e mandar-me logo provisão para que a vinte léguas de todas estas minhas povoações, a saber, de Olinda vinte léguas para o sul, que é já outra nação de índios, e de

Santa Cruz a vinte léguas para o norte, que é já outra nação, na terra de Pero Lopes de Sousa, não se faça brasil daqui a dez ou doze anos ao menos, sob a mesma pena que Vossa Alteza já tem posto, e mande-me provisão disto.⁽¹⁵⁾ Com isto remediará Vossa Alteza o que por outra via alguma se não pode remediar. E quem quiser fazer brasil há muitos outros portos onde o podem fazer, sem nos fazerem tanto mal e dano e tanto desserviço de Deus e de Vossa Alteza; e o de por aqui ao redor, que é o melhor de todo este brasil, ficará guardado para quando Vossa Alteza se quiser servir, o que por sua ordem e com toda a prudência se fará.⁽¹⁶⁾

Outrossim, Senhor, pelas outras que atrás digo ter escrito a Vossa Alteza, lhe dei conta, e por esta lha torno a dar, que convém muito a seu serviço e ao bem e salvação das cousas daqui, mandar que, pois todos somos portugueses e seus vassallos e súditos, não procedam uns como se fossem portugueses e outros como franceses e outros como se fossem castelhanos. Digo isto, Senhor, por essas pessoas a quem Vossa Alteza tem dado terras por esta costa do Brasil, para que em suas terras ou capitánias cumpram e façam cumprir as cartas precatórias que os outros capitães e governadores lhes mandarem, e façam e pratiquem como pratica Duarte Coelho, a quem Vossa Alteza aqui mandou, e porque o aqui mandou procura fazer o que deve e o que convém a seu serviço, como sempre fez. Digo isto a Vossa Alteza porque anda esta cousa em desordem e é muito necessário prover Vossa Alteza a isso, antes que aí haja mais desarranjos, porque nisto não lhes quebranta Vossa Alteza suas doações, porque eu de minha parte não tão somente obedecerei, mas receberei mercê de ser eu o primeiro a quem Vossa Alteza o mande, e os outros que sigam por isso.⁽¹⁷⁾

Quanto é, Senhor, ao privilégio e liberdade que Vossa Alteza deu a mim acerca dos homiziados, que em Évora lhe pedi, se entende nos delitos daí, para os que aí andarem homiziados, ainda que aí sejam condenados por suas justiças; vindo a estar e a povoar comigo em minhas terras, não poderão, por aqueles casos, ser aqui citados nem demandados. Desta maneira, Senhor, se entende, mas as outras terras e capitánias às quais Vossa Alteza tem dado esta liberdade, entendem-na ao revés, porque os delitos e malefícios aqui cometidos e feitos, aqui hão de ser punidos e castigados como for razão e justiça. Se de minhas terras fugirem alguns malfeitores para outras, com temor do castigo, ou de outras para a minha, esta tal liberdade e privilégio não lhes deve valer, porque se assim for, como estes outros capitães costumam fazer, digo, Senhor, e afirmo, que se não povoará a terra, mas em breve tempo se despovoará o povoado e irá tudo ao través, pelo que, Senhor, digo que é muito necessário que todos em geral

usem das cartas precatórias e as cumpram, e que Vossa Alteza o mande. ⁽¹⁸⁾

Outrossim, Senhor, já por três vias tenho escrito e dado conta a Vossa Alteza acerca dos degredados, e isto, Senhor, digo por mim e por minhas terras, e como é pouco serviço de Deus e de Vossa Alteza e do bem e aumento desta Nova Lusitânia, mandar para aqui tais degredados, como de três anos para cá me mandam. Porque certifico a Vossa Alteza e lhe juro pela hora da morte, que nenhum fruto nem bem fazem na terra, mas muito mal e dano, e por sua causa se fazem cada dia males, e temos perdido o crédito que até aqui tínhamos com os índios, porque o que Deus e a natureza não remediou, como eu posso remediar, Senhor, senão com cada dia os mandar enforçar, o que é grande descrédito e menoscabo com os índios. Outrossim não são para nenhum trabalho, vêm pobres e nus, e não podem deixar de usar de suas manhas, e nisto cuidam e planejam sempre fugir e se ir. Creia Vossa Alteza que são piores aqui do que peste, pelo que peço a Vossa Alteza, pelo amor de Deus, que tal peçonha para aqui não me mande, porque é mais destruir o serviço de Deus e seu e o bem meu e de quantos estão comigo, que usar de misericórdia com tal gente, porque até aos navios em que vêm fazem mil males, e como vêm mais dos degredados que da gente da tripulação dos navios, revoltam-se e fogem e fazem mil males, e achamos menos dois navios, que por trazerem muitos degredados estão desaparecidos. Torno a pedir a Vossa Alteza que não me mande tal gente, e me faça mercê mandar às suas justiças que os não metam por força nos navios que para minhas terras vierem, porque é, Senhor, deitarem-me a perder. ⁽¹⁹⁾

Outrossim, Senhor, dou conta a Vossa Alteza e lembro-lhe o que já lhe tenho escrito, que proveja e mande a todas as pessoas a quem deu terras no Brasil, que venham a povoar e residir nelas, porque assim convém a seu serviço, pois essa foi a condição. Ou, já que não vêm, que ponham em suas terras pessoas aptas e suficientes e ouvidores que conheçam e saibam o que hão de fazer, e não homens quaisquer, porque estes não fazem mas desfazem no bem que se deve fazer, porque *mercenarius mercenarius* sum. ⁽²⁰⁾

Nestas terras de Pero Lopes de Sousa, que Deus haja, que estão aqui junto às minhas, mande Vossa Alteza que nelas ponham ouvidor que saiba e entenda o que há de fazer, porque têm ali quatro pessoas que melhor seria não estarem, porque outra cousa não fazem senão brasil para os armadores, e quando quero castigar degredados vão-se eles para lá e fazem cousas por onde já mereciam todos serem enforcados; se lhes mando alguma carta precatória, dizem que ali é couto e têm privilégios. Estas cousas, Senhor, não são para sofrer, e se eu até agora as sofri, foi, Senhor, por não desrespeitar a jurisdição

alheia, mas parece-me que será necessário e do serviço de Deus e de Vossa Alteza acudir a isso, pelo perigo e dano que se pode causar com tais desordens.⁽²¹⁾

Das cousas das terras e capitánias do sul este agosto passado, por um feitor de Afonso de Tôrres que aqui veio ter, escrevi a Vossa Alteza, e pela carta lhe dei disso alguma breve conta; por esta torno a lembrar a Vossa Alteza que deve prover sobre as cousas da Bahia, pois me parece convir a seu serviço, porque Francisco Pereira é velho e doente e não está para isso. E posto que Vossa Alteza lá tenha tudo bem sabido, todavia direi aqui o que eu, Senhor, entendo acerca do que inquiri e soube das cousas da Bahia. Posto que Francisco Pereira tenha culpa de não saber governar sua gente como bom capitão, e ser mole para resistir às doidices e aos desmandos dos doidos e mal ensinados, que fazem e causam levantamentos e partidos de que ele não se pode escusar de culpa, todavia, Senhor, convém e é necessário, aos que em tais erros caíram, por suas doidices e desordens e mal ensinados e desobediências que com o dito Francisco Pereira tiveram, serem muito bem castigados, porque afirmo a Vossa Alteza que foi uma cousa muito desonesta e feia e digna de muito castigo, porque aquelas revoltas e levantamentos contra o Francisco Pereira foram a causa de a Bahia se perder. E o clérigo, que foi o princípio daquele dano e mal, deve-o Vossa Alteza mandar ir preso para Portugal e que nunca torne ao Brasil, porque tenho sabido ser um grande velhaco.⁽²²⁾

Outrossim torno a dar conta por esta a Vossa Alteza do que se passa acerca dos dízimos e dos direitos dos engenhos, do que tudo por petição do povo e requerimento do feitor de Vossa Alteza se lavrou em autos, nos quais se deu por sentença que pagassem todos, em geral, os dízimos em açúcar feito e purgado, segundo uso e costume dos Reinos e senhorios de Portugal, com as mais razões que Vossa Alteza verá pelo traslado dos autos e sentença que com esta vai, com outros costumes novos que mandei que se usassem daqui por diante, por assim ser razão e justiça, porque estes donos dos engenhos queriam esfolar o povo. Peço a Vossa Alteza que o mande ler perante si, e se lhe parecer ser justiça o confirme, porque afirmo a Vossa Alteza que é justiça, e antes vou contra o povo que contra os donos dos engenhos, mas a negra cobiça do mundo é tanta, que turva o juízo aos homens para não concederem o que é razão e justiça.⁽²³⁾

Torno a lembrar a Vossa Alteza e a lhe pedir proveja sobre o fazer do Brasil, porque recentemente, por um navio que aqui chegou do Reino, nos deram novas de estarem aí prestes para virem aqui fazer trinta mil quintais e mais dele, cousa que tanto escândalo e alvoroço causou neste povo de Olinda e em todos os moradores e

povoadores destas minhas terras; e me apresentaram, Senhor, petições e requerimentos que eu tal não consentisse, senão que abandonariam as fazendas e os engenhos e os haveriam por abandonados se tal consentisse. E posto que, Senhor, já o tenha proibido, hoje de novo o tornei a apregoar por todas as povoações e fazendas, que pessoa alguma o corte, nem faça, nem fale em fazer pau-brasil a vinte léguas destas povoações, sob a pena por Vossa Alteza posta em minhas doações, que é a perda de bens e ir degredado para sempre para São Tomé. Isto, Senhor, foi mandado e publicado em nome de Vossa Alteza, por virtude de minhas doações, pelo que, Senhor, é necessário mandar-me Vossa Alteza logo provisão nesta conformidade, porque eu prometi e jurei ao povo o não fazer nem consentir fazer, pois tanto dano por isso sobrevem ao serviço de Deus e de Vossa Alteza e ao bem e salvação de todos os que aqui estão os.⁽²⁴⁾

Outrossim, Senhor, é necessário dar conta a Vossa Alteza de algumas outras desordens de que aqui usam e praticam por estas outras terras e capitânicas de mim para baixo, para o sul, e não sei se lhes chame povoadores ou se lhes diga e chame salteadores. Digo isto, Senhor, porque os capitães ou pessoas a quem Vossa Alteza deu as terras, por lei e costume militar e usança de guerra devem muito bem olhar e tomar muito conselho sobre o fazer paz ou guerra; e a guerra fazerem-na eles como lhes melhor parecer e a necessidade se lhes oferecer. Mas não deixarem nem consentirem que a gente ande salteando, por todas as partes, a quem poderem saltar, por onde se causa danar-se e deitar-se a perder tudo. E andam tão encarniçados nisto, que têm por lá tudo revoltado, e não lhes basta por lá, mas ainda vêm saltar em minha costa e em toda parte onde podem. Este ano presente, Senhor, vierem de lá de baixo aqui ter seis caravelões, como que vinham a ver e a comerciar com minha gente; e quando entenderam que eu estava esperando a hora em que Deus for servido de me dar possibilidade para seguir esta empresa do sertão, que tanto desejo por servir a Vossa Alteza, ofereceram-se a irem comigo, prometendo-lhes eu grandes vantagens, e me pus a fazer bergantins novos; e quando me não acautelei todos levantaram vela e, em pago das boas obras que de mim receberam, foram salteando por minha costa, antes que eu a isso acudisse, sem poder haver à mão senão um só, que saltou nos pitiguares, terra onde, há três anos agora, houve por resgate vinte e cinco ou trinta portugueses que ali se perderam. Todos os índios que traziam cativados lhos tomei e os tornei a mandar para suas terras, porque quando a fortuna der ali com alguns portugueses à costa, por ser ruim a paragem, ter-se-á esperança de os haver por resgate. A estes salteadores dei o castigo que me pareceu merecido. Dou esta conta a Vossa Alteza pois será necessário mandar

Vossa Alteza a todos estes capitães de baixo, que tal não pratiquem, porque eu em minhas terras o não consinto, nem consentirei. Quis dar de todas as sobreditas cousas conta a Vossa Alteza, por descargo de minha consciência e por cumprir o que Vossa Alteza me tem mandado e encomendado.⁽²⁵⁾ Peço a Vossa Alteza proveja sobre todas estas cousas, pois são convenientes a seu serviço. Desta vila de Olinda, a 20 de dezembro de 1546.

Este março passado de 1546 foi aqui entregue a um piloto de um navio de Constantino de Caires uma caixa de amostras de açúcares escolhidos para Vossa Alteza ver, e o feitor de Vossa Alteza, por meu mandado, lha entregou pregada, como perante mim foi preparada. Soube agora que não fora dada a Vossa Alteza, posto que me disseram que fora entregue na Alfândega, e que daí desaparecera. Mande Vossa Alteza aos oficiais que, quando virem cousa que vai para Vossa Alteza, lha leve e lhe seja apresentada e que não desapareça lá, pois Deus a leva.⁽²⁶⁾

As cousas que Vossa Alteza me escreveu que proveria para as igrejas, não lhe esqueçam.

Servo de Vossa Alteza

DUARTE COELHO

Senhor



Por já ter escrito e por outras dado conta a Vossa Alteza do que aqui passa, como por elas, Senhor, verá, não lhe dou por esta mais conta que do seu feitor e almoxarife Vasco Fernandes, que Vossa Alteza mandou comigo há treze anos, o qual me pediu que dele desse conta a Vossa Alteza e lhe fizesse saber que há treze anos que aqui o está servindo, deixando sua mulher e filhos, sem mais tornar ao Reino, e assim é verdade. Em tudo em que foi necessário e convinha a seu serviço, o fez e deu boa conta de si, e certifico a Vossa Alteza que é muito homem de bem e desejoso de o servir e que não virá por ele mal, por ser homem manso e de boa consciência, o que em todos se não acha no tempo de agora. Até o presente tem gastado do seu e não aproveitado nada, por até o presente tudo ser trabalhos e gastos, e não proveito algum.⁽²⁷⁾ E por a terra ir agora em aumento a Deus louvores, querem os homens fazer fundamento nela e fazerem fazendas, para ter alguma cousa de seu com que se sustentem, para o que é necessário a mercê e ajuda de Deus e de Vossa Alteza. Por ele querer agora fazer um engenho em uma ribeira, em um pedaço de terra que lhe dei, pede a Vossa Alteza, por ajuda para o fazer, lhe faça mercê de lhe dar licença para poder mandar algum pau-brasil daqui, e que o irá fazer pela costa, onde não faça dano nem prejuízo.⁽²⁸⁾ Certo, Senhor, que ele disse e de toda outra mercê é merecedor a Vossa Alteza, e a mim, Senhor, a fará fazendo-a a ele, pois a merece, e ele escreve a Vossa Alteza sobre isso por um seu filho.

Não tenha Vossa Alteza em tão pouco estas terras do Brasil, em especial esta Nova Lusitânia, como mostra ter, pois não provê nem me responde as cartas e avisos que há três anos e por três ou

quatro vias lhe tenho escrito; mostra que tem, pois a isso não acode. Nem me tenha em tão pouco e em tão pouca estima, que haja por mal empregado dar crédito ao que lhe digo e escrevo, para bem de seu serviço, e responda-me para que eu saiba sua intenção e procure que as cousas vão como hão de ir, porque, ainda que esteja pobre e gastado da fazenda, nenhuma inveja tenho aos mais ricos nem a suas riquezas, pois para o de Deus e para o de meu Rei e Senhor a poucos darei vantagem, assim no passado como no porvir, confiando em Deus.

Por outro navio que agora partiu daqui, Senhor, escrevo a Vossa Alteza, e as cartas leva Francisco Frazão, meu criado, aqui casado e morador. Peço a Vossa Alteza que as veja e me responda o que for servido, porque ele há de esperar aí pela resposta, e os gastos são grandes para esperar muito tempo.⁽²⁹⁾

Deus por Sua grande misericórdia tenha Vossa Alteza e seu cetro real em Sua santa guarda e lhe dê vitória contra todos os que contra ele intentarem ser, amém. De Olinda a 22 de março de 1548.

Servo de Vossa Alteza

DUARTE COELHO

Senhor



Haverá um mês que por um meu criado, por nome Francisco Frazão, escrevi a Vossa Alteza, dando-lhe conta de mim e do que me pareceu seu serviço, e relatando-lhe as coisas conforme ao tempo e à necessidade, segundo meu entender, à qual me reporto e peço a Vossa Alteza a veja e sobre o nela contido proveja e me responda, para que saiba o que devo fazer.⁽³⁰⁾

Por esta, Senhor, quero dar conta a Vossa Alteza do que, depois da outra escrita e daqui partida há vinte dias, vim a saber por cartas de meus amigos, em especial por uma de Manuel de Albuquerque que me deu conta disso, por já aí ter tido alguma conversa sobre isto com algumas pessoas que no negócio entendem, ou querem entender, as quais, segundo por uns apontamentos vi, se oferecem a Vossa Alteza para povoar ou ajudar a povoar as capitanias perdidas, de lá de baixo, e outras cousas mais que nos apontamentos vi, para o que pedem a Vossa Alteza que por vinte anos lhes dê todo o pau-brasil de toda a costa, e antes de tudo o destas minhas terras da Nova Lusitânia; e lhe pedem ainda que dentro no dito tempo lhes largue e dê todos os dízimos e rendas de todas as terras e costa do Brasil, assim o rendimento daqui como o daí, do que for de cá, e outras cousas que nos apontamentos vi.⁽³¹⁾

E posto que, Senhor, se me ofereciam algumas cousas neste instante para dizer sobre isto, sofro e calo e não o faço por não ter certeza se Vossa Alteza o aceitará de mim, segundo minha sã e verdadeira intenção, e por haver três anos que por quatro vias tenho escrito e dado conta a Vossa Alteza de tudo o que me pareceu seu

serviço, e até o presente não tenho visto nem tido resposta. O que, Senhor, me parece proceder do pouco crédito que tenho com Vossa Alteza.⁽³²⁾

Mas quis, Senhor, acudir ao que, com razão e com justiça, a mim toca e importa, não me afastando do que a seu serviço convém, pois este foi sempre meu propósito e costume. E digo, Senhor, que quanto é a se tornarem a povoar e aproveitar as terras e capitâneas de lá de baixo, que se despovoaram da maneira que Vossa Alteza já aí sabe, é muito útil e do serviço de Deus e de Vossa Alteza; e se Vossa Alteza viu as que lhe tenho escrito, nelas veria o que sobre isso lhe escrevi e dei conta, porque sempre me pareceu muito seu serviço prover sobre isso, pelos respeitos que nas minhas a Vossa Alteza lhe lembrava. E este foi e é meu parecer, que torne a mandar que se povoem e aproveitem as ditas terras, como Vossa Alteza for servido e for razão e justiça.

Mas, Senhor, áspera cousa parece-me ser quererem esses armadores ou contratadores incluir nisso as terras que Deus por sua misericórdia e meus grandes trabalhos, gastos e despesas e derramamento de sangue quis que estejam ganhadas e melhor principiadas e povoadas e regidas e governadas e com justiça administradas que todas as outras, as quais por muitos desvarios estão perdidas. E o proveito e bem que nisto tenho adquirido e granjeado para Vossa Alteza, do que levo muito gosto e contentamento, em especial pelo muito que daqui em diante há de haver e multiplicar, além de nisso me tirarem o gosto e contentamento e algum proveito e fruto que de meus trabalhos me pudesse vir e haver, querem-no eles para si. Não me parece, Senhor, razão nem justiça e Vossa Alteza nisso fará o que for servido. Mas eu, Senhor, não deixarei de dizer o que com verdade entendo, e é que, igual por igual, melhor e mais razão será acudir com alguma ajuda e favor a quem as conquistou e com tanto trabalho, gasto e fadiga e derramamento de sangue as pôs e tem no estado em que estão; e para a cousa ir de bem em melhor e mais se multiplicar e aumentar, é ele o próprio pastor e não mercenário, como os que as querem adquirir para tirar seu proveito. Mas, acima de tudo, Vossa Alteza fará o que for servido, posto que de minha livre vontade não concordarei em me meterem em tais armações e companhias, nem quero de Vossa Alteza o que eles querem e pedem, mas, se Vossa Alteza for servido e lhe parecer razão e justiça, ajudar-me e favorecer-me na cousa que trago entre mãos e desejo que alcance bom efeito, receberei nisso mercê, que é o seguinte.

Quanto, Senhor, aos direitos e dízimos destas minhas terras, que lhe pedem, quer os que aqui se cobram quer os que aí se pagam, torno, Senhor, a dizer que Vossa Alteza os leve e haja em tudo e por

tudo como se contém em minhas doações, que nada deles lhe peço, somente que deles se tirem aqui os pagamentos dos ordenados dos sacerdotes, como agora aqui se faz e por Vossa Alteza foi ordenado quando para aqui vim, e também, Senhor, para as obras e cousas das igrejas, da obrigação de Vossa Alteza, sobre o que tenho escrito a Vossa Alteza por três vezes e por três vias, e peço que Vossa Alteza proveja, por haver disso muita necessidade.⁽³³⁾

Mas a mercê que a Vossa Alteza peço e que licitamente me pode fazer, é que, por espaço dos vinte anos, ou pelo espaço que Vossa Alteza conceder a esses armadores, haja por bem de me ceder os dízimos dos meus próprios engenhos, e isto somente do de minha lavra, e o que me pertencer nos de terceiros, e que a parte dos lavradores seja muito embora de Vossa Alteza. E isto se Vossa Alteza disso for servido, e se não, seja como mandar.⁽³⁴⁾

Outrossim, e por espaço do dito tempo, haja por bem de me dar licença para que, em cada um ano, possa mandar daqui três mil quintais de pau-brasil às minhas próprias custas, livres de todos os direitos, para ajuda dos sobreditos gastos, para me tornar a abastecer e refazer de cousas de que tenho necessidade para os negócios daqui, porque não acho já no Reino quem me empreste nem dê tanto dinheiro a juros; o dito pau-brasil poderei mandar aonde bem me convier, quer a Levante quer a Poente, aonde quer que mande buscar as cousas que me são necessárias, o qual será aqui pesado pelo seu feitor e oficiais, e passarão as ordens para onde quer que for, com declaração do que se trata, do que, sendo Vossa Alteza disso servido, me mande passar a provisão e a mande dar a Manuel de Albuquerque ou a quem por minha parte lha requerer.⁽³⁵⁾ O brasil farei em parte onde não faça dano, porque assim convém, e peço, Senhor, três mil quintais, porque, pelo que aqui custa e o pouco que aí vale, não representarão mil quintais.

O fazer brasil, Senhor, que com tanta desordem o querem fazer, é tão danoso e tão odioso o fazer-se nesta comarca de Olinda e Santa Cruz, que já tenho escrito a Vossa Alteza e enviado documentos de prova, pedindo-lhe, há três anos e por três vias, que proveja sobre isso, porque, de quantos alvarás de permissão que Vossa Alteza tem mandado passar, todos se querem utilizar deles aqui, o que será acabar de deitar a perder tudo.⁽³⁶⁾ E, para ser pior, está pegada comigo a terra de Pero Lopes de Sousa, que Deus haja, onde não está o próprio pastor, mas um mercenário por intérprete e feitor de armadores, que de outra cousa não se ocupa senão em fazer brasil. Já disto tenho dado conta a Vossa Alteza para que proveja nisto. Peço a Vossa Alteza que mande que do cabo de Santo Agostinho até o Capibaribe-mirim, que é o extremo dos petiguares, que pode ser doze ou treze léguas

pouco mais ou menos, ocupadas por uma só nação de índios, que nessa sobredita comarca não se faça brasil algum daqui a dez ou doze anos, para que a cousa se torne a meter em ordem, pois há tantos outros portos em que o podem fazer, assim do cabo de Santo Agostinho até o Rio São Francisco, que é na mesma minha costa, como daí para baixo e no litoral dos petiguares, que são de outras nações contrárias destes. E fazendo-o nesses sítios não nos causam dano; e a quem Vossa Alteza houver por bem de dar licença, quer na região dos petiguares, quer nos outros meus portos do sul, pode, Senhor, vir aqui para maior segurança, e toda ajuda e favor que eu lhes puder dar, dar-lhes-ei de boa vontade, assim para os petiguares, que estão em distância daqui de doze, treze, quinze, vinte, trinta e quarenta léguas, tudo costa onde há brasil muito bom e mais barato que este daqui, assim pela desordem, como por estar a dez, doze, quinze léguas pelo sertão a dentro, como querendo ir aos outros meus portos do cabo de Santo Agostinho para o sul, onde se acha outra nação contrária destes.⁽³⁷⁾ Porque, assim como os meus bergantins e os caravelões dos moradores andam a maior parte do ano por toda a minha costa, assim o poderão fazer os seus navios, e eu os favorecerei e ajudarei no que puder, e aqui se poderão fornecer e aviar de intérpretes e do mais que lhes convier, e poderão comprar e vender aos moradores e povoadores da terra e fazerem seu proveito, sem nos causarem dano assim a mim, como aos que comigo estão.

Posto que, Senhor, disto tenha escrito e dado conta a Vossa Alteza, haverá obra de um mês, acerca de aí não me serem guardadas as minhas doações, convém-me tornar por esta a escrever sobre isso e dar conta a Vossa Alteza do que se passa. E a causa é esta: algumas pessoas aqui moradoras vieram-se-me a queixar de como aí não lhes queriam guardar as liberdades contidas em minhas doações, e sobre isto mesmo me escreveram de Portugal algumas pessoas que comigo estão concertadas para virem ou mandarem fazer engenhos; e parece que por saberem aí que se não guardavam minhas doações, e porque nos alvarás que de mim têm digo que hei por bem e serviço de Vossa Alteza que do dia que vierem, ou por si ou por pessoa sua, povoar e fazer os engenhos, trazendo ou mandando trazer os oficiais e toda gente e cousas necessárias para eles, possam gozar dos privilégios e liberdades de moradores e povoadores destas minhas terras, como em minhas doações se contém. Sabido isto aqui, Senhor, foi grande o alvoroço e ajuntamento de todo o povo e todos os oficiais e pessoas nobres e honradas, todos em comum se juntaram em conselho e fizeram câmara. Fizeram-me sobre isso uma petição, por eles assinada, que com esta vai, pedindo-me com grandes clamores que os despachasse conforme a justiça, ao que respondi o que Vossa Alteza

verá nas costas da petição, e os consolei de seu agastamento e os pacifiquei, dando-lhes algumas desculpas de Vossa Alteza não ser disso sabedor, e prometendo-lhes de logo o fazer saber a Vossa Alteza e dando-lhes esperança que Vossa Alteza os atenderia nisso.⁽³⁸⁾

Para o que, Senhor, peço a Vossa Alteza leia minha carta e lhe veja a intenção, e achará que é tudo do interesse de seu serviço, no qual ando morrendo, que melhor me fora já uma morte que tantas sem acabar de morrer, porque as cousas destas qualidades, em terras tão distantes do Reino, querem-se, Senhor, por outros meios e maneiras que não os daí. E pois Vossa Alteza sabe que eu sempre tive cuidado, e em especial nas cousas de seu serviço, e dado tão boa conta de mim como Deus e Vossa Alteza sabem e a todos é notório, será razão, Senhor, que de sua parte não me venham estorvos para as cousas de seu serviço que desejo levar avante, porque muito maior perda será o que se pode seguir de não se guardarem as liberdades e privilégios, do que o proveito que disso pode redundar. Eu não tenho para mim, nem posso crer, que isto vem de Vossa Alteza, nem que é disso sabedor, mas de funcionários que se querem exceder para se mostrarem beneméritos; e se vem de contratadores, lembre-se Vossa Alteza do que convém a seu serviço, porque esses tais não se lembram senão de seu proveito.

Sabe Vossa Alteza que por o servir aqui vim, e o que me concedeu em minhas doações, para que a cousa melhor e mais rapidamente se pudesse fazer e ir avante, como louvores a Deus vai, entre as quais concedeu e houve por bem e seu serviço, pela boa informação e declaração que disso lhe dei, que, assim eu como todos os meus herdeiros e sucessores e todos os moradores e povoadores que em minhas terras viessem morar ou povoar, de todas as mercadorias e cousas que daqui mandássemos ou levássemos para o Reino, não pagassem senão um só imposto, a saber, de cada dez um, e que pudéssemos vender e fazer delas o que nos conviesse; outrossim, que, posto que entrem ou cheguem a qualquer porto, cidades, vilas ou lugares de seus Reinos e senhorios e aí não quizerem vender nem descarregar, livremente o possam fazer e ir para onde bem lhes convier, sem serem constrangidos nem lhes poderem impedir, posto que nos tais portos, cidades, vilas e lugares haja outros forais ou costumes em contrário deste, o que, segundo o que daí, Senhor, me escrevem e aqui todo o povo se me queixa, não se cumpre aí, nem querem cumprir aos moradores e povoadores que há doze e dez e oito e seis anos moram e povoam nesta terra e aqui têm grandes fazendas, criados e escravos, que honram e aumentam a terra, porque dizem aí que alguns deles têm as mulheres no Reino, e por isso não lhes hão de respeitar as liberdades e privilégios em minhas doações contidos.⁽³⁹⁾

O mesmo acontece com pessoas nobres e poderosas que moram no Reino mas aqui povoam, e outras que querem povoar por seus feitores e gente e escravaria e fazer engenhos, que é cousa real que muito aumenta e acrescenta o bem da terra, e dão muito proveito a Vossa Alteza, e muito mais a Vossa Alteza darão daqui ao diante, indo a terra em progresso como, louvores a Deus, vai.

Outrossim, Senhor, querem aí entender por moradores e povoadores os que eles querem, e não os que eu aqui, por minha ordem e por meu trabalho e indústria, ando adquirindo para a terra e mando assentar no livro da matrícula e tomo das terras como moradores e povoadores; a eles o feitor e almoxarife de Vossa Alteza e o escrivão de seu cargo passam as certidões de moradores e povoadores e aos outros não.⁽⁴⁰⁾ Ainda dizem aí e levantam outro embaraço, que não hão de gozar das liberdades os moradores e povoadores que daqui mandam açúcares ou algodões, senão dos que forem de sua lavra e colheita. Isto, Senhor, parece malícia, porque em todas as terras do mundo se costuma e usa o que eu aqui costume e uso e tenho posto em ordem, a saber, que entre todos os moradores e povoadores uns fazem engenhos de açúcar porque são poderosos para isso, outros canaviais, outros algodoads, outros mantimentos, que é a principal e mais necessária cousa para a terra, outros usam de pescar, que também é muito necessário para a terra, outros usam de navios que andam buscando mantimentos e tratando pela terra conforme ao regimento que tenho posto, outros são mestres de engenhos, outros mestres de açúcares, carpinteiros, ferreiros, oleiros e oficiais de fôrmas e sinos para os açúcares e outros oficiais que ando trabalhando e gastando o meu por adquirir para a terra, e os mando buscar em Portugal, na Galiza e nas Canárias às minhas custas,⁽⁴¹⁾ além de alguns que os que vêm fazer os engenhos trazem, e aqui moram e povoam, uns solteiros e outros casados aqui, e outros que cada dia caso e trabalho por casar na terra,⁽⁴²⁾ porque toda esta ordem e maneira, Senhor, se há de ter para povoar terras novas e tão distanciadas do Reino e tão grandes como estas são, das quais se espera tanto bem e proveito, assim para o serviço de Deus como de Vossa Alteza e bem de todos seus Reinos e senhorios, e pelas mais razões que Vossa Alteza sabe, por cuja causa aqui me mandou.⁽⁴³⁾ Ora, pois, Senhor, já que eu aqui por minha parte trabalho e faço tanto o que devo, não consinta aí Vossa Alteza bulirem com tais cousas, porque não é tempo para com isso se bulir, porém para mais se acrescentar as liberdades e privilégios, e não para os diminuir.

Peço a Vossa Alteza que veja esta minha carta e lhe considere a intenção e sobre todas estas cousas tome resolução com brevidade. E leve em conta a minha boa e sã intenção, pois sabe que minha

índole e intenção é fazer verdade e falar verdade com todos em geral, quanto mais com Vossa Alteza e nas cousas de seu serviço, no que ando trabalhando e que tanto convém e importa, que se assim não fora e assim não entendera, juro pela hora da morte que há dias me fora para Portugal, pois sou homem para em todas as partes de mais honra e proveito servir a Vossa Alteza melhor do que até o presente tenho feito, e sei de certo que darei boa conta de mim como o que melhor a deu ou der.

Torno a pedir a Vossa Alteza que disponha sobre todas estas cousas de que lhe tenho escrito e dado conta, para que saiba o que devo fazer e se não passe o tempo em balde, que é a maior perda das perdas, pois tudo se pode recobrar exceto o tempo perdido.

Deus por Sua misericórdia tenha Vossa Alteza em Sua guarda e a todas as cousas de seu serviço, e lhe dê vitória contra todos os que pretenderem contra elas ser, amém. De Olinda, a 15 de abril de 1549.

Acerca das cousas do pau-brasil providencie Vossa Alteza, assim pela desordem, como porque o roubam com estas desordens, e assim o afirmo, do que levo grande paixão e desgosto; e se eu aqui quero remediar, aí, Senhor, fazem outra cousa e não o que disponho para o servir e atalhar a tanta desordem, que não acho quem não presuma de fazer e tratar de brasil como se fosse de uma erva qualquer e vendê-la no mercado. Eu castiguei alguns que se desmandaram, mas na jurisdição alheia não interfiro, senão com requerimentos e cartas precatórias, a que não dão mais atenção do que a conversas vãs. Eu tenho já disso avisado a Vossa Alteza e não será minha a culpa.⁽⁴⁴⁾

Servo de Vossa Alteza

DUARTE COELHO

Senhor



Uma carta de Vossa Alteza me foi dada este agosto ora passado de 1550, a qual parece, segundo a feitura dela, tardar por má navegação na viagem.

Pela carta diz Vossa Alteza me ter já antes desta escrito outra pelo galeão que foi para a Bahia, a qual carta até o presente não vi, nem sei mais dela do que Vossa Alteza me diz, porque, como o galeão foi ter à Bahia, daria as cartas a Tomé de Sousa, e não veio mais de lá para aqui navio algum, pelo que daquelas cartas não sei dar razão a Vossa Alteza, pois não as vi.⁽⁴⁵⁾

Quanto ao que por esta Vossa Alteza me escreve e diz que resolveu, assim por folgar de me fazer mercê, como pelas mais razões contidas em minhas cartas que o ano passado lhe escrevi, que é estar eu como estava e respeitar minhas doações, e que não se entenda comigo o que tinha mandado a Tomé de Sousa, nem ele venha cá nem interfira em minha jurisdição, nisso Vossa Alteza age como magnânimo e virtuosíssimo e justíssimo rei e senhor, em quem eu tanta confiança tinha e tenho muito perfeitamente e terei enquanto o Senhor Deus lhe sustentar os dias de vida.⁽⁴⁶⁾ E afirmo a Vossa Alteza que a todos pareceu tanto bem e tão excelente exemplo como era razão e se esperava de Vossa Alteza, por sua real e magnânima condição e virtuosíssima inclinação, pois é o luzeiro e estrela do norte por onde todos havemos de navegar e seguir em nossas obrigações, os que de Vossa Alteza tivermos e tiverem cargos. Pelo que praza ao Senhor Deus acrescente e conserve seus reais dias de vida com muita prosperidade e vitória, que lhe dará contra todos os que intentarem ser contra Vossa Alteza e contra seu real estado e cetro real, amém. E a mim permita e ajude até o fim de meus dias a servi-lo, como até

aqui fiz, e com o mesmo amor e lealdade e verdade, amém.

Quanto, Senhor, ao que por esta carta Vossa Alteza me diz e manda, que aqui fiz o que devia e guardei justiça, e que disso tenha cuidado, como sou obrigado,⁽⁴⁷⁾ prometo a Vossa Alteza que assim o farei, porque, além de Vossa Alteza mo mandar, é de minha condição e inclinação fazer o que devo e não temer perigo algum, e antes ir contra mim que contra as partes, e antes dar trabalho a mim que o dar aos outros. Meu costume é, Senhor, ser áspero no repreender e moderado no castigar, porque, posto que seja pecador e um bichinho da terra, amo e temo ao Senhor Deus por Sua divina misericórdia, de quem nos vem todo bem. Pelo que o Senhor Deus sempre me livrou de muitos perigos e me ajudou a que sempre de mim desse boa conta, e assim confio nele, meu Deus, que me ajudará até o fim de meus dias.

Quanto, Senhor, à mercê que agora por esta me faz em vida de Vossa Alteza, basta-me, porque outras mercês e honras ainda espero, mais para o adiante, para com seus filhos, que Deus deixará lograr depois de Vossa Alteza, e, no fim de seus dias, seus reinos e senhorios;⁽⁴⁸⁾ a qual, Senhor, é necessário ser por alvará de confirmação, assinado por Vossa Alteza e selado de seu selo e passado por sua chancelaria, conforme as minhas doações. E isto também por causa destas mudanças que ora houve, e para que no futuro não haja aí alguns maus conselheiros, que com os reis se querem harmonizar às custas de suas consciências, de que os tais conselheiros pouco caso fazem, por não terem amor verdadeiro senão aos seus interesses, seguindo suas inclinações, não olhando a obrigação de seu rei e senhor, que a tudo se devia antepor e respeitar; pelo que peço a Vossa Alteza pois começou acabe de me fazer esta justa mercê.

A razão, Senhor, obriga-me, por descargo de consciência, a dar disto esta breve conta a Vossa Alteza. E digo que todo este povo e república desta Nova Lusitânia esteve e está muito alterado e confuso com estas mudanças,⁽⁴⁹⁾ e afirmo a Vossa Alteza que se não fora por mim muitos se queriam ir da terra. Isto sobretudo por não lhes quererem os funcionários de Vossa Alteza, aqui e no reino, guardar suas liberdades e privilégios contidos em minhas doações e foral, que por mim foram publicados e apregoados; e estes funcionários que aqui vieram quiseram usar de asperezas, que não eram para este tempo e ensejo e para terras novas e tão cedo, porque são, Senhor, cousas mais para despovoar o povoado, que para povoar o despovoado.⁽⁵⁰⁾ Eu, Senhor, remediei tudo isto como melhor pude, e com muito sofrimento, com o siso que o Senhor Deus me deu, como tudo consta de assentos e autos que sobre isso se fizeram; e toda esta gente lança-me, Senhor, a culpa, por eu favorecer tanto a seus

funcionários, o que eu juro pela hora da morte que fiz por serviço de Vossa Alteza, por ser assim necessário, porque os seus funcionários, que aqui vieram, não os conhecia; não devia agir com esta gente como agi e fiz, e dei maneira que não me fizessem logo então requerimentos, prometendo-lhes que escreveria sobre tudo a Vossa Alteza, como escrevi, de que não tenho resposta.

Agora fizeram-me grandes requerimentos e protestos para que lhes guardasse e fizesse guardar as liberdades e privilégios que até aqui lhes foram guardados, e agora lhes queriam anular, e, no caso contrário, largariam a terra. Eu, Senhor, lhes respondi o que me pareceu bem e razão, o que eles têm para mandar apresentar a Vossa Alteza e requerer sua justiça.⁽⁵¹⁾

Digo, Senhor, o que é necessário dizer acerca disto a Vossa Alteza e a verdade do que me parece ser seu serviço e para descargo de sua consciência e da minha: é cousa muito odiosa e prejudicial ao serviço de Deus e seu e proveito de sua fazenda e bem e aumento das cousas que tão caro custam, quebrar e não guardar as liberdades e privilégios aos moradores e povoadores e vassallos de que já estão de posse e de que usam, depois de lhe serem publicados e apregoados, como eu, por minhas doações, lhes anunciei e apregoei, o que em tempo algum nem em parte alguma se deve fazer, quanto mais tão cedo e nestas partes tão distantes do Reino, e que com tanto trabalho, perigo e gasto se fazem e povoam e sustentam, como são estas terras, e o Senhor Deus sabe como eu padeço.

Aceite Vossa Alteza isto de mim, como o deve aceitar de quem disso se dói e o deseja servir, não só acerca do que toca à sua obrigação e consciência, como ao seu proveito, porque a gente contente e quieta permanecerá e se arraigará na terra e fará fazendas, de que muito dobrado e desdobrado proveito Vossa Alteza terá desta terra e cada vez mais. Isto, Senhor, é averigüadamente assim, pela experiência que tenho, que rifão verdadeiro é que quem as sabe as tange. E não deve Vossa Alteza dar crédito a quem não entende disso e lhe vai com falsas informações e vãs e supersticiosas inovações, que não convêm a seu serviço nem a seu proveito, mas por fim se verá ser em seu desserviço e perda, e o tempo dará disto testemunho, se não se emendar o erro.

Eu, Senhor, trabalho como trabalho e faço o que faço para a cousa ir avante como convém ao serviço de Deus e seu; com a gente procedo como é sabido por todas as vias, com lhe fazer todas as boas obras e larguezas do que é meu e do que a mim toca, para a cousa ir avante, sem até o presente ter proveito, mas muitos gastos e despesas, no que Vossa Alteza é servido e tem proveito e cada vez mais se espera. Peço a Vossa Alteza que, por sua parte, se não prejudique

este bem, pois não há de pôr do seu, mas acrescentá-lo, com somente respeitar e conservar os privilégios e liberdades que me concedeu para meus moradores e povoadores, como houve por serviço de Deus e seu.

Aqui, Senhor, foram publicadas muitas novidades, que por outra dou conta a Vossa Alteza, e algumas delas prejudicam a mim e ao povo, moradores e povoadores desta Nova Lusitânia, e são bem contra seu serviço; e disso me deixou aqui o provedor-mor Antônio Cardoso, em seu regimento, as ditas novidades, entre elas que Vossa Alteza mandava, sob punição, que eu não interferisse em sua fazenda.⁽⁵²⁾ A este respeito digo que isto não me prejudica, por minha parte, porque nem da minha queria eu ter cuidado; mas se prejudicar a fazenda de Vossa Alteza, veja lá que a mim não me caberá a culpa, nem também o será por eu, em parte alguma nem em tempo algum, me aproveitar de sua fazenda, nem lhe dar prejuízo de um só real, nem nunca Deus o permita, nem mande que eu, Senhor, o faça nunca, mas antes se achará e é público e notório o ter eu servido em toda parte, assim como a seu pai, que Deus em Sua glória tem, não só com os serviços de minha pessoa, como com muitos gastos de minha fazenda na Índia e aqui e em todas as partes. Assim o juro pelo meu Deus, que creio e adoro, sem hoje em dia ter nem levar pensão nem juro de Vossa Alteza, nem ainda essa moradia que tinha, depois que daí parti, que agora faz dezesseis anos que não a recebo nem mesmo para especiaria, que não posso viver sem ela.⁽⁵³⁾ Digo isso, Senhor, porque este ponto do regimento destes seus novos funcionários ou foi inovação deles, ou alguma falsa informação que alguém pouco virtuoso deu contra mim, e não me maravilho falarem os maus de mim, servo dos servos de Deus, pois do mesmo Deus falam; e não se deve dar crédito contra mim sem eu ser ouvido, pois minha condição, vida e obras são tão aprovadas e conhecidas minhas cousas e a conta que em tudo tenho de mim dado, a Deus graças e louvores. Creia, Senhor, de mim, que tudo o que tomo a cargo tomo e faço como próprio pastor, e não como mercenário, e porisso o Senhor Deus me ajuda e confio que me ajudará até o fim de meus dias, porque dizem os naturais que no nascer, no viver e no morrer se verá quem cada um é.⁽⁵⁴⁾

Muitas cousas se me oferecem para dizer, que por não enfadar a Vossa Alteza e por não ser tão longo as deixo para quando me avistar com Vossa Alteza, o que bem desejo.⁽⁵⁵⁾ Somente, Senhor, digo que ao presente estamos de paz e pacíficos, a Deus louvores, e estes cinco engenhos estão de todo moentes e correntes e cada dia se fazem mais fortes as casas deles, pela maneira de um que tenho feito, e tudo vai para bem, se estas mudanças não o estorvarem;⁽⁵⁶⁾ entretanto, outros engenhos cuja construção estavam acertadas comigo, estes

estão duvidosos e me escrevem que, com não lhes saberem guardar as liberdades e privilégios que lhes foram por mim anunciados, contidos em minhas doações e foral, pois eu lhes guardo o demais, não virão. Peço a Vossa Alteza, pelo que convém ao serviço de Deus e ao proveito de sua fazenda, que mande cumprir e guardar as liberdades e privilégios contidos em minhas doações e foral, aos moradores e povoadores que eu tiver assentados por moradores e povoadores no livro da matrícula e tombo, que para isso está feito desde o princípio, e com isso deixe-me realizar e verá o proveito que disso se segue.

Desta Vila de Olinda, a 24 de novembro de 1550.

Servo e vassalo de Vossa Alteza

DUARTE COELHO